

QUE VOZ É ESSA? A INTERFACE LITERATURA E JORNALISMO NO PODCAST DIÁRIO *UMA PALINHA*, DO JORNALISTA GUSTAVO RIBEIRO, VEICULADO NA RÁDIO CARIRI FM 101.1

Marcelo Vieira da Nóbrega¹
Taisa Gleicy de Oliveira Pires²

RESUMO

O presente estudo objetiva investigar a aquarela de vozes presentes na performática-oral do *podcast* intitulado *Uma Palinha*, de autoria do radialista Gustavo Ribeiro, e veiculado diariamente, às 11h55, na FM Cariri 101.1. O hibridismo de vozes dilui-se na diversidade de temas e assuntos abordados. Dito isto, o interesse de pesquisa se justifica em razão das sutilezas, marcas estéticas e jogos de imagens, que se aproximam da crônica literária do cotidiano. A pesquisa, de natureza, exploratória, bibliográfico-documental, propõe analisar de que forma e em que níveis jornalismo, literatura e poesia se aproximam em um texto repleto de metáfora, construções clássicas e sutis ironias que vão construindo vozes de múltiplas naturezas, com marcas, parece, de jornalismo, poesia e crônica literária. Ancora-se nas bases estéticas de constituição da crônica, em Machado de Assis, Cândido, Arrigucci Jr e José Castello. Reportamo-nos a Bakhtin para as questões envolvendo o dialogismo presente na constituição dos gêneros. Ademais, para as concepções de hibridismo cultural recorreremos a Canclini. Por fim, trabalharemos com Finnegan e Zumthor (1993, 2005 e 2010) aos quais nos reportamos para as perspectivas de performance, oralidade e vocalidade. Os resultados apontam para uma eficácia dos gêneros digitais, hibridizados no *podcast*, impactadores, por meio da mídia do rádio, nos diferentes níveis de letramento de uma sociedade ainda ouvintista cada vez mais tecnológica, massiva e espetacularmente imagética.

Palavras-chave: hibridismo, *podcast*, rádio, vozes, performance.

INTRODUÇÃO

Há um hibridismo³ e vozes que se imbricam na leitura oral- performática diária – sob a forma de *podcast*⁴- que o jornalista Gustavo Ribeiro faz diariamente, às 11h55, no quadro intitulado *Uma Palinha*, veiculado na rádio Cariri FM 101.1. A profusão de vozes dilui-se na diversidade de temas e assuntos. Que voz ali se manifesta? É a do cronista do cotidiano? É a do

¹ Doutor em Linguística (UEPB) e docente efetivo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Líder do Grupo de Pesquisa de Estudos da Oralidade (GRUPEO/UEPB/CNPq). E-mail: marcelonobrega@servidor.uepb.edu.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8438556222953242>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1692-959X>.

² Graduanda do Curso de Letras- Português da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. taisa.pires@aluno.uepb.edu.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1157401638003892>

³ Canclini trata do hibridismo a partir de reflexões em torno do eixo tradição/modernidade/pós-modernidade. O autor usa o termo “heterogeneidade multitemporal” para explicar a heterogeneidade presente nas culturas latino-americanas.

⁴ De acordo com Silva (2010, p.3) o *podcast* “pode ser compreendido como todo o processo de produção de material digital (áudio, vídeo, texto ou imagem), com publicação e distribuição na Internet, e possibilidade de download para os subscritos”.

articulador político? É a do poeta-cronista? Ou não passaria de um jornalista, ou radialista, como ele mesmo se autodenomina, extremamente sagaz, atualizado?

Posto isso, este trabalho se justifica na importância da estratégia que se funde entre linguagem, rádio e literatura, e em razão das sutilezas, marcas estéticas e jogos de imagens que, parece, se aproximam da crônica literária do cotidiano. Sabemos que o surgimento e fortalecimento do espaço virtual, propiciado pelo avanço da tecnologia e sua posterior popularização e acesso, por meio de modelos pessoais cada vez menores e acessíveis, fizeram com que os meios de comunicação (hoje chamados de velhas tecnologias, tais como o jornal, o rádio e a televisão) precisassem se reinventar e utilizar os novos espaços midiáticos para chegar ao público, agora, mais dinâmico, virtual e multissemiotizado. Assim, busca-se entender a importância do rádio nessas novas plataformas digitais e evidenciar como um comentário rápido, sutil e direto, consegue repassar um hibridismo de vozes poéticas que utiliza estratégias performático-orais para impactar o ouvinte do *podcast*.

Dessa forma, o que revela a *Palinha*? Que substância traz essa voz? Seria uma mera denúncia, prévia e breve em, no máximo, três minutos, pela força de uma eficaz e potente performance oral, que tem eficaz efeito vocal – por exemplo, como o enunciado que está presente em todas as palinhas, “*Aí, pessoal!*”- atinge o imaginário de um ouvinte carente e sedento de curtos e inteligentes papos de picardias, fofocas, informações e\ou novidades, tendência típica de leitores-ouvintes da nova era tecnológica, que necessita digerir cada vez mais informações em cada vez menos tempo?

O que dizer, com efeito, acerca do que o jornalista chama de buscar sempre “*o encaixe de rima sempre ao fim de cada verso?*”. Afinal, se ele estaria escrevendo uma crônica do cotidiano, por que a necessidade da rima? Estaria aí um resquício da velha estrutura narrativa da poesia épica, já sistematizada por Aristóteles, há pelo menos 330 a.C.? Ou não seria uma espécie de estrutura formular, utilizada costumeiramente pelos muitos homeros e seus antecessores, para facilitar a memorização do dicto, a partir de um locus temporal essencialmente oral?

Ou, em outra perspectiva, não estaríamos falando de uma poesia-crônica oralizada – embora previamente planejada por um texto escrito – cujo sentido, podemos dizer, se completaria durante a performance oral, por força do suporte potente e evocativo da voz do poeta? Nesse sentido, o suporte de mídia, chamado de *podcast*, apenas doraria esteticamente a pílula final, que seria a força estética que aqui passaria a chamar de poesia oral performatizada oralmente.

Todos os muitos questionamentos, acima levantados acerca da performance de *Uma Palinha* de Gustavo Ribeiro, delimitam-se em duas questões centrais que devem norteadoras desta pesquisa, quais sejam: a) Que natureza de voz é essa? e b) De que substância ela é formada?

Este trabalho, com efeito, objetiva analisar a aquarela de vozes que se imbricam na leitura oral-performática diária – sob a forma de *podcast* – que o jornalista Gustavo Ribeiro faz diariamente, às 11h55, no quadro intitulado *Uma Palinha*, veiculado na rádio Cariri FM 101.1, na cidade de Campina Grande (PB).

Para isso, de modo específico, objetivamos: a) identificar as peculiaridades estético-literárias que se interpenetram no texto as quais eventualmente o aproximariam do gênero crônica; e b) analisar a interferência da forma do comentário jornalístico.

Para esta discussão nos amparamos nos fundamentos teóricos de Bakhtin, no que diz respeito ao grande hibridismo de vozes que vão se resignificando a partir da dinâmica e volátil força das novas mídias sociais, comandadas pela grande rede. Para ele, as construções enunciativas, faladas ou escritas, se submetem à ação resignificadora da linguagem humana, mas que mantêm uma estrutura padrão tripartida, qual seja: a) um conteúdo, isto é, um tema; b) um estilo próprio, marcado ora pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais adaptados a cada situação comunicativa; e c) uma construção composicional, isto é, uma forma linguística, quer seja poesia, prosa, drama, etc. (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Já para a investigação da natureza estética (conteúdo) e forma (estrutura visual-acústica) do gênero crônica nos amparamos em Machado de Assis, Candido, Castelo e Arrigucci.

Para tratar do hibridismo em todas as suas nuances, típicas das fronteiras tênues e líquidas entre cultura, literaturas, sociedade, jornalismo, denúncia, verossimilhança, dentre uma vasta gama de conceitos, recorreremos a Canclini, para quem

as formas de hibridismo na América Latina no final do século XX, que foram geradas por contradições decorrentes do convívio social urbano e do contexto internacional, conclui que todas as culturas são de fronteira e que as artes, em virtude do fenômeno da desterritorialização, articulam-se em relação umas com as outras, sendo-lhes possível, com isso, ampliar seu potencial de comunicação e conhecimento (CANCLINI, 1995, p. 75)

O diálogo necessário, no contexto da *Palinha*, entre a literatura e o jornalismo insere-se no rol das intercomunicações e diluições estéticas de fronteiras que se movem por força da linguagem, fruto das interações cada vez mais intensas.

Por fim, recorreremos à Finnegan e a Zumthor (1993, 2005 e 2010) para nos subsidiarem nas compreensões de performance, oralidade e vocalidade.

METODOLOGIA

A pesquisa, de natureza, exploratória, bibliográfico-documental, visa investigar de que forma e em que níveis jornalismo, literatura e poesia se fundem em um texto marcado por um jogo de imagens, metáforas e construções clássicas, ironias que vão se costurando em denúncias de múltiplas naturezas, à luz de um fazer que funde, jornalismo, poesia e crônica literária. Decorre de um estudo de caso, tendo, portanto, caráter indutivo, já que se baseará na análise dos áudios de, pelo menos, 15 podcasts produzidos entre 2021 e 2022. Cada Palinha foi identificada a partir da seguinte convenção: *P1, P2, Pn..*

Na seção que segue, analisamos duas palinhas: P3 (*Visão política: do “desfulazirar à indignação política*), e P13 (*ideologia e fanatismo*). Tal escolha estão atreladas diretamente ao momento político-partidário o qual estamos vivenciando. É preciso ouvirmos, falarmos, estudarmos sobre política para que assim, sejamos cidadãos mais críticos, conscientes e capazes de escolhermos nossos representantes. Além disso, precisamos refletir sobre essa temática, ainda mais no atual cenário político. A sutileza, a leveza e as marcas poéticas, permeadas pela sátira, se fundem no podcast.

RESULTADOS E DISCUSSÃO.

Analisamos os *podcast* em duas grandes categorias: *Estética do texto e pluralidade de denúncia*. Na primeira estão relacionados os seguintes aspectos: natureza, estrutura, estilo, composição e linguagem utilizados na palinha. Na segunda, por sua vez, relacionamos os aspectos sócio-políticos, econômicos, etc, envolvidos.

Na tabela a seguir, detalhamos a natureza de cada uma das *Palinhas*, as temáticas abordadas, bem como as categorias de análise nas quais cada uma delas está inserida.

Tabela 1: Ocorrências temáticas e categorias de análise nas palinhas

Palinhas	Temáticas	Categorias de análise		Data
		Estética do Texto	Pluralidade da denúncia	
P1; P14	A cultura campinense	“Aí pessoal”; Uso de gírias; Linguagem poética;	Valorização da cultura Nordestina; Poesia recitada sobre amizade- Ronaldo cunha lima; comentário do radialista acerca do poema; música de dominguinhos sobre a mesma temática;	abril/ 2021
P4; P5; P8	Do recitar ao refletir: amizades	“Aí pessoal”; Linguagem poética; uso de gírias regionais;	Poesia recitada sobre amizade- Ronaldo cunha lima; comentário do radialista acerca do poema; música de dominguinhos sobre a mesma temática; Leitura de uma música argentina sobre indiferença e mentira; Música cantada por mercedes souza; Comentário acerca de amizade; Música em relação a temática;	Maio/ 2021
P3; P6; P13	Visão política: do “desfulazirar” e indignação política à ideologia e fanatismo	“Aí pessoal”; linguagem regional;	Associação de um termo jurídico com o atual cenário político; “Desfulanização” termo usado para fazer uma reflexão acerca de ideias políticas	Julho/2022
P10	Pós- pandemia: o novo normal?	Aí pessoal”; Linguagem simples	Reflexão acerca do “novo normal”; descrição dos procedimentos na pandemia e associação para o presente descrito já com o novo normal	Novembro/ 2021
P2; P15	O dualismo acerca da vacinação	“Aí pessoal”; Linguagem simples e uso de gírias. performance dialogada para incentivar a vacinação	citação das principais falas políticas e partidárias, diálogo para mostrar o atual cenário político e criticar a intolerância presente nesses discursos; Reflexão e comentário crítico acerca da desconfiança da vacinação da covid-19;	Dezembro/ 2021
P9	Pais e filhos: reflexão a partir da música	Aí pessoal”; Linguagem simples e uso de gírias regionais	Música de Renato Russo para argumentar sobre a relação Pais-Filhos	março/ 2022
P11	A visão religiosa da perda e do ganho: o falar do monsenhor júlio renato lancellotti	Aí pessoal”; Linguagem simples	Fala do monsenhor júlio Renato Lancellotti – Presplito católico brasileiro; Fala acerca da mentira, injustiça e verdade	agosto/ 2022
P12	O tal tipo “falador” e a proliferação do vírus da covid-19	Aí pessoal”; Linguagem simples	Descrição da mentira, ligação com o covid, contaminação, máscaras, isolamento, distância e vírus. Comentário acerca dos comportamentos para a não disseminação da covid-19.	junho/2021
P7	Descrição dos costumes do “caba” nordestino	“Aí pessoal”; Linguagem simples e uso de gírias regionais	Descrição de um personagem da cultura nordestina brasileira;	Setembro/ 2022

(Fonte: Arquivo pessoal do radialista)

Transcrevemos na sequência as *Palinhas P3 (Visão política: do “desfulazirar á indignação política)*, e *P13 (ideologia e fanatismo)*, objetos de nossas análises.

Aí pessoal, encontrei por aí meu amigo Joquinha. Achei Joquinha meio diferente, amado, descontente, aí lhe perguntei:

- Joquinha, rapaz o que houve? tá mudado.

Me respondeu na lata.

- Não, mago. Tô igualzinho. Quem mudou foi em quem eu acreditei.

Claro que eu imaginei o pior:

- Mina? Ela te deixou?

Ele riu verde e amarelo e explicou:

- Num foi chifre não. Antes fosse o que foi feito comigo. Se tiver com tempo agora... peraí que te explico

- Fala, falei. Pode falar.

Aí, o caba imendô:

- Pois é, confiei que não teria mais reeleição, que ia combater a corrupção, que nunca mais daria bola pra centrão e tal, que o toma lá dá cá seria enterrado com a velha política, que dizia não fazer parte, não era igual. Falar em enterrar a inflação que tava mortinha, ressuscitou. O gás de cozinha lembro que seria R\$35,00 o botijão. Oxe, de R\$ 100,00 reais já passou. A conta de luz disparou, o desemprego aumentou, e o pior: a miséria que tinha acabado também voltou, a bolsa caiu, o dólar subiu, a gasolina um absurdo, meu amigo, você viu? E esse jogo de jogar a culpa, num assumir a bronca, desculpa manjada, é uma afronta.

Aí eu perguntei:

- Tá ok, Joquinha, iai?

- Ah, aí pra não perder de tudo, vô tentar refazer minhas amizades, aparar as arestas, conviver com as sequelas, reconheço que exagerei, espero que não seja tarde, pelo menos entendi como deve ser a escolha. Direita, esquerda, centro, é o que menos importa. Quero é depurar o que tiver de ruim, sair da bolha. Agora mago, torço para dar certo, num só egoísta ano que vem já está bem perto até vou administrar minha decepção, não quero atrapalhar, confesso. Foi isso aí, meu irmão.

Joca ainda falou que camisa da seleção agora só usa em jogo da copa, ir em manifestação: Jamais. Tá escaldado com promessa, lero-lero e lorota e no cento útil, ele me disse: Nunca mais. Contou no final que foi diagnosticado com: Angústia cívica profunda. Síndrome que será tratada à base de muita reflexão, arrependimento, pedido de perdão três vezes ao dia, de segunda a segunda. Então tá.

(Palinha 3. Fonte: Arquivo pessoal)

“Aí pessoal, tava aqui pensando naquela frase de cazuza: ‘ideologia, eu quero uma para viver’. Ela faz parte da letra da canção ideologia escrita pelo poeta em parceria com Roberto frejat, gravada há mais de 30 anos A insatisfação verificada na época pela falta de consciência e identificação política de nossa gente está diretamente relacionada à redemocratização anterior até à promulgação da Constituição de 1988. Importante lembrar que naquele cenário predominava o conservadorismo e muitos acreditavam que o novo viria através de avanços inspirados, principalmente na tal corrente de pensamentos progressistas que predominava. Porém, meus amigos o presente temia em repetir o passado e mostra o quão atual o registro feito lá atrás pelo poeta. Hoje o novo envelheceu e aqueles avanços, na prática, não surtiram o efeito desejado. Alias, apresentaram graves defeitos e efeitos colaterais, e para completar não estava previsto que ideologia e fanatismo iriam se misturar no final, na figura do tal: Salvador da Pátria. E dessa vez acompanhado por discípulos moucos e toscos. Cazuza, ideologia, museu de novidades e aquela mesma piscina cheia de ratos. A esperança? Ah, a esperança resta naquela frase: Se você pensa que estou derrotado saiba que ainda estão rolando os dados. E o tempo? O tempo não para”.

“sua piscina está cheia de ratos, suas ideias não correspondem aos fatos, e o tempo não para, não paraa, não para” – (Ideologia – Cazuza)

(Palinha 13. Fonte: Arquivo pessoal)

Na tabela a seguir, identificamos os elementos presentes e categorizamos as *Palinha* P3 e P13.

Tabela 2: Categorias de análise

Palinha	Categorias			
	Estética do texto		Pluralidade de denúncia	
P3	Gírias/regionalismos	<i>“Aí, pessoal”</i> ; <i>“o caba imendô”</i> ; <i>“lero-lero e lorota”</i> ; <i>“Oxe”</i> ;	Diálogo com teor político entre os personagens: Joquinha e o “Mago”	<i>“Pois é, confiei que não teria mais reeleição, que ia combater a corrupção”</i>
	Crônica cotidiana associada a fatos reais do atual cenário político brasileiro	Fala dialogada acerca da indignação política	Reflexão do cenário político brasileiro	<i>“Direita, esquerda, centro, é o que menos importa. Quero é depurar o que tiver de ruim, sair da bolha”</i>
	Rima	<i>Acreditei – imaginei;</i> <i>amorado- mudado;</i> <i>deixou – explicou;</i> <i>comigo – explico;</i> <i>reeleição – corrupção- centrão;</i> <i>Ressuscitou – disparou- aumentou- voltou;</i> <i>Caiu- subiu;</i> <i>Certo- perto;</i> <i>Decepção – manifestação;</i> <i>reflexão – perdão</i>		
P13	Linguagem padrão e uso do enunciado:	<i>“aí, pessoal”</i>	Reflexão acerca do fanatismo político	<i>“acompanhado por discípulos moucos e toscos”</i>
	Rima	<i>Ideologia- parceria;</i> <i>passado - desejado;</i> <i>Redemocratização- promulgação- constituição;</i> <i>Defeitos- efeitos</i> <i>Moucos- tocos</i>	Comentário acerca da ideologia utilizando música de Cazuza	<i>“não estava previsto que ideologia e fanatismo iriam se misturar no final, na figura do tal: Salvador da Pátria”.</i>

Fonte: arquivo pessoal

Posto isso, podemos identificar que na construção do *podcast* o radialista faz uma performance dialogada, com descrição de sentimentos, pensamentos e dizeres do personagem “Joquinha”. Com isso, os seus ouvintes são instigados a refletirem acerca das pontuações e idealizações que o personagem descreve sobre a política brasileira e, ainda, conseguimos evidenciar que ao longo da *Palinha* o autor se utiliza de comentários sutis e irônicos para ir construindo a sua narração a partir do diálogo. Um exemplo disso é o uso da expressão “- Tá ok, joguinha, iaí?”, bastante utilizada por o representante político: Jair Messias Bolsonaro.

Assim, como afirma Schlatter a crônica é um “gênero que ocupa o espaço do entretenimento, da reflexão mais leve. É colocada como uma pausa para o leitor fatigado de textos mais densos” (SCHLATTER, 2019, p. 19). Dessa forma, podemos evidenciar que a Palinha P3 possui elementos de uma crônica cotidiana uma vez que traz em forma de diálogo assuntos políticos de forma leve, engraçada e até mesmo com uma breve ironia. O radialista descreve discursos, comportamentos e pensamentos em que alguns indivíduos estão evidenciando ou evidenciaram em relação aos atuais políticos do Brasil, como podemos perceber no trecho: “*Joquinha. Achei Joquinha meio diferente, **amoado**, descontente*”. Evidencia-se, assim, a insatisfação política da personagem da crônica.

Machado de Assis, em “O nascimento da crônica”, descreve o gênero como de fácil desenvolvimento. Vejamos:

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e La glace est rompue; está começada a crônica. (ASSIS, 1994, p. 13)

Desse modo, percebemos que nas *Palinhas* evidenciadas na tabela 2 o enunciado utilizado pelo radialista para iniciar sua crônica cotidiana é “*aí, pessoal*”. Com isso, o autor chama a atenção do seu ouvinte de forma leve e parece conhecer cada ouvinte. Ademais, com uso de uma linguagem mais coloquial e por meio de tais recursos linguísticos, o radialista aproxima o seu ouvinte, e cria um clima de intimidade com os ouvintes, seja eles quais forem e onde estiverem.

Antônio Candido afirma que: “a fórmula moderna, na qual entram um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu quantum satis⁵ de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma”. (CANDIDO apud SCHLATTER, 2019, p. 19). Posto isso, é nesse viés que Gustavo Ribeiro constrói a sua “*Palinha*”, com o modernismo não só no suporte que o gênero é propagado, mas ainda na construção leve, com um toque de humor e certa ironia, como podemos evidenciar no trecho: “*Ele riu verde e amarelo e **explicitou***”. O verde e amarelo aqui relacionam a uma tentativa partidária de elementos e cores nacionais. Ao estabelecer esse jogo de ironia, o radialista vai construindo de forma sutil e até mesmo com um certo humor o seu posicionamento acerca de tais fatos descritos.

⁵ Em latim, “a quantidade necessária”.

Além disso, ao verificarmos a linguagem que o radialista utilizada ao longo da descrição do diálogo, podemos perceber o uso de gírias, bem como: “*Aí, o caba imendô*” e ainda “*Tá escaldado com promessa, lero-lero e lorota*”. Para Preti, a gíria é um vocabulário utilizado por falantes de um mesmo grupo, cuja intenção é comunicar-se sem serem entendidos por outros falantes que não pertencem ao grupo (PRETI, 2004, p. 89). Segundo o autor, a gíria é a parte mais viva da língua, por representar os grupos sociais no mundo contemporâneo. Portanto, ao utilizar gírias regionais, o radialista se comunica de forma mais próxima e efetiva com o seu ouvinte, além de valorizar tais dialetos regionais.

Candido aproxima o gênero crônica à poesia:

Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, – sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. (CANDIDO, 1992, p. 14).

Outro aspecto observado nas *Palinhas* é a rima presente ao longo de toda a performance, o que torna ainda mais poética. Destacamos as marcas na transcrição dos nossos dois objetos de análise as rimas que ajudam a construir esse jogo de hibridismo presentes no gênero crônica. Analisamos as seguintes construções rítmicas: *amoadado- mudado, acreditei – imaginei, deixou-explicou (P3)* e ainda, *ideologia- parceria; passado – desejado (P13)*, dentre outras. Ao utilizar essa estrutura formular, o autor facilita a memorização do dicto, a partir de um locus temporal essencialmente oral e promove uma maior sutileza poética na performance da *Palinha*.

Ademais, identificamos na *Palinha P13* que o radialista utilizada outras formas de expressões, como a música, para exemplificar a temática da ideologia e o fanatismo político descritos na *Palinha*. O autor faz uma comparação à época da canção do músico para interligar ao cenário político atual, que ainda costuma repetir o que chamamos de velha política, como podemos evidenciar no trecho:

“*Importante lembrar que naquele cenário predominava o conservadorismo e muitos acreditavam que o novo viria através de avanços inspirados, principalmente na tal corrente de pensamentos progressistas que predominava. Porém, meus amigos o presente temia em repetir o passado e mostra o quão atual o registro feito lá atrás pelo poeta*”. (*Palinha 13- Gustavo Ribeiro*)

Além disso, o radialista faz uma descrição histórica brasileira, no trecho: “*A insatisfação verificada na época pela falta de consciência e identificação política de nossa gente está*

diretamente relacionada à redemocratização anterior até à promulgação da Constituição de 1988”, época esse a mais de 30 anos. E, afirma que o novo ainda se faz velho: “o novo envelheceu e aqueles avanços, na prática, não surtiram o efeito desejado”, e a política continua a repetir o que na música de Cazuza já evidenciava: “aquela mesma piscina cheia de ratos”. E, em um comentário crítico, objetivo e ao mesmo tempo sutil, mostra o fanatismo presente, agora na política brasileira, como podemos perceber no trecho: “não estava previsto que ideologia e fanatismo iriam se misturar no final, na figura do tal: Salvador da Pátria”.

Coutinho fala sobre a crônica-comentário o autor destaca: "A crônica-comentário dos acontecimentos, que tem, no dizer de Eugênio Gomes, 'o aspecto de um bazar asiático', acumulando muita coisa diferente ou díspar. Muitas crônicas de Machado de Assis e Alencar pertencem a esse tipo." (COUTINHO, 1971, p. 120). Assim, na *Palinha* 13 percebemos que o radialista tece um comentário acerca da ideologia e o fanatismo vistos na política atual e, assim, usa o recurso da canção de Cazuza para evidenciar que ainda estamos vendo se repetir o passado no presente.

Portanto, o autor do podcast consegue um hibridismo de vozes para fazer sustentar uma descrição exata, forte e crítica de um assunto presente na sociedade e que, por meio de uma performance poética constrói uma amarração das rimas no meio da prosa do texto crônica, estabelecendo aí um certo hibridismo que tenta, com o recurso da rima, ‘poetizar’ o texto. Assim, com sagacidade e sutileza faz com que os seus ouvintes sejam tocados e o fazem refletir acerca de temáticas presentes no dia a dia. Tal hibridismo também se caracteriza pela utilização do recurso musical para fazer construir a descrição e argumentação do tema da *Palinha*.

Pode-se perceber que, nas duas crônicas, encontram-se características que a aproximam tanto do jornalismo, quanto da literatura. Por exemplo, na *Palinha* P13, na descrição oral, percebemos a presença de comentários em uma linguagem mais jornalística: “A *insatisfação verificada na época pela falta de consciência e identificação política de nossa gente está diretamente relacionada à redemocratização anterior até à promulgação da Constituição de 1988*”, já que se tem presente o fato histórico, relacionados à época da música de Cazuza e ainda à literatura quando o autor se utiliza de alguns recursos rítmico-rítmicos e melódicos para construir tal performance, como podemos observar no trecho: “*Alias, apresentaram graves defeitos e efeitos colaterias*” e ainda “ *E dessa vez acompanhado por discípulos moucos e toscos*”.

Dito isto, é perceptível que “*Uma Palinha*” é um gênero híbrido por misturar poesia, música e tantos outros elementos em forma de crônica que tratam de assuntos cotidianos e

presentes na atual sociedade brasileira. O radialista usa o suporte do podcast para propagar sua aquarela de vozes e assim, tocar e fazer com que os seus ouvintes possam refletir acerca de assuntos reais e cotidianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, os resultados apontam para um hibridismo que se manifesta a partir da voz que ecoa de um cronista do cotidiano, do articulador político. Além disso, percebemos a voz do poeta-cronista e jornalista/radialista, extremamente sagaz, atualizado, que diariamente performatiza sutilezas em um processo recheado de boemia, bom humor e criticidade. Assim, traz de forma leve, informação em uma profusão de vozes que se dilui na diversidade de temas e assuntos presente no cotidiano dos seus ouvintes.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *Crônicas Escolhidas de Machado de Assis*. (Coleção Folha). São Paulo: Ática, 1994 (p. 13-15).
- ARRIGUCCI JR, Davi. *Enigma e Comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. (tradução do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl). 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo Opinitivo*. Porto Alegre (RS): Sulina, s/d.
- CANDIDO, Antonio et al. A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. In: ____ A vida ao rés-do-chão. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992
- CASTELO, José. *Crônica, um gênero brasileiro*. (Texto digitalizado). Curitiba (PR): 2007.
- COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1971. v. 6.
- GAGLIETTI, Mauro; BARBOSA, Márcia Helena Saldanha. *A Questão da Hibridação Cultural em Néstor García Canclini*. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. (VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul – Passo Fundo – RS): s/d.
- GUIMARÃES, Mica. *Crônicas pessoais*. (Acervo digitalizado fornecido pela família). s/d.
- THOMAS, Rosalind. *Letramento e Oralidade na Grécia Antiga*. (Tradução de Raul Fiker). São Paulo: Odisseus Editora, 2005.
- SCHLATTER, Margarete. (Et. al). *A Ocasão faz o Escritor*. 6ª ed. São Paulo: CENPEC, 2019.

CANCLINI, ap. GAGLIETTI, Mauro; BARBOSA, Márcia Helene Saldanha. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul – Passo Fundo – RS, s/d).

PRETI, Dino Fioravante. A gíria como um elemento da interação verbal na linguagem urbana.
In: PRETI, Dino Fioravante. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 87-98.